

6

CAPÍTULO

Metodologia de coleta de dados em escolas da rede pública e privada de ensino de Florianópolis

Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Gabriella Ligocki Pedro Silvano

Juliana Flores Chagas

Patrícia Corrêa Ferminio

Rafael Traesel

6.1 INTRODUÇÃO

Os bancos de dados linguísticos, constituídos no Brasil desde a década de 1970, sob a perspectiva da Sociolinguística Varicionista, vêm possibilitando descrições cada vez mais completas do português do Brasil. Com o intuito de investigar a língua nesta mesma perspectiva, especificamente em comunidades escolares, apresentamos dois protocolos de coleta de dados nesse espaço.

As propostas a serem apresentadas ancoram-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008). A primeira proposta tem como principal objetivo coletar material para investigar a variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural (nós/a gente) e seus condicionadores: variáveis linguísticas e extralinguísticas (SILVANO, 2015). Dentre as variáveis extralinguísticas investigadas, estão as

categorias macrosociais tradicionalmente consideradas pela sociolinguística variacionista (gênero, idade, escolaridade), e categorias mais específicas, como o contexto socioeconômico e cultural dos alunos e a formação e as condições de trabalho dos professores dos diferentes contextos escolares da cidade de Florianópolis/SC a serem analisados.

Já a segunda proposta (TRAESEL, 2015) diferencia-se da primeira, pois associa aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista a proposta de Eckert (2012) das três ondas, com a investigação de comunidades de prática na esfera escolar.

6.2 BANCO DE DADOS SOCIOLINGUÍSTICOS

A constituição de um banco de dados linguístico de fala, bem como de escrita, constitui-se em fonte privilegiada para a descrição e investigação das línguas nos seus diferentes níveis: fonológico, morfossintático, lexical e discursivo. Historicamente, este instrumento passa a ter relevância nos estudos linguísticos em meados dos anos 1960, com as pesquisas sociolinguísticas de William Labov nos Estados Unidos, e, no Brasil, a partir da década de 1970.

Embora já tenhamos muitos bancos de dados em várias regiões do país, como no Sul, por exemplo, com o Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL), já conhecido, divulgado e sedimentado com inúmeros trabalhos de referência que utilizaram seu *corpus*, compreende-se que a constituição e, no nosso caso, a ampliação de bancos de dados é uma tarefa que nunca se esgota, pois precisamos acompanhar a trajetória da variação e da mudança linguística ao longo do tempo.

A constituição de *corpus* para as pesquisas linguísticas no cenário nacional é realizada de acordo com as perspectivas adotadas em cada projeto. Os pesquisadores não realizam uma coleta propriamente para ser fonte de sua investigação particular, mas os projetos em todo o país constituem seus bancos de dados considerando aspectos mais amplos justamente para dar conta de investigações nos diferentes níveis da língua e com diferentes abordagens da sociolinguística, considerando também suas interfaces.

De acordo com Freitag (2013, p. 157), é necessário que a Sociolinguística Variacionista constitua um “grande projeto nacional unificado”. Para tanto, temos que padronizar e descrever de forma clara a metodologia de coleta de dados para que possamos realizar estudos comparativos mais fiéis. Assim, os pesquisadores poderão acessar os procedimentos metodológicos adotados na coleta de dados com possibilidade de contrastar os pontos divergentes ao comparar os resultados, permitindo que o português brasileiro seja descrito de maneira mais confiável ao considerar a diversidade linguística presente no país.

A padronização dos bancos de dados sociolinguísticos facilitaria a realização de investigações contrastivas de diferentes dialetos brasileiros, contribuindo, dessa forma, para o estabelecimento e refinamento de generalizações e princípios de variação e mudança universais (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 917).

Os bancos de dados das variedades do português, além de serem fonte para investigações sob a perspectiva da sociolinguística e suas interfaces, também se constituem em farto instrumento a ser utilizado nas aulas de Língua Portuguesa. A análise dos diversos modos de falar a própria língua ajuda os alunos a entenderem a heterogeneidade linguística desmistificando o significado do que é “falar bem português” e desconstruindo o preconceito linguístico que vem sendo incorporado na sociedade brasileira ao longo dos anos.

A língua portuguesa tem sido tratada nas salas de aula em sua imanência, basicamente. Em muitos casos, o sujeito e a situação de comunicação são excluídos. É necessário que os professores relativizem os usos da língua, pensando-a a partir de uma perspectiva funcional e não abstrata. Desse modo, os bancos de dados, tanto de fala quanto de escrita, contribuem para essa relativização e reflexão sobre os usos do português, principalmente em ambientes onde os professores tendem a manter-se neutros frente à Sociolinguística. Freitag (2013) afirma que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa indicam o enfoque para o ensino da língua materna relacionado às diversidades e variedades. Podemos encontrar também essas recomendações na Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis:

1) Variedade Linguística: O respeito às variedades linguísticas e seu reconhecimento na Língua Portuguesa é um princípio para o ensino escolar; não faz sentido pretender que exista apenas uma norma, aquela que se acostuma chamar norma-padrão, referência para a expressão culta da língua, embora esta deva ser um objetivo de ensino. Trata-se de permitir que os(as) alunos(as), sem que lhes seja exigido o abandono de sua variedade familiar, do colóquio informal, oral em princípio (dos gêneros primários, na teoria de Bakhtin), consiga atingir o domínio de variantes utilizadas mais especificamente nos gêneros secundários (orais e escritos), que são mais formais, e cuja importância para a inserção na sociedade e o exercício da cidadania não pode ser marginalizada. Isso considerado, ver-se-á que a variedade de gêneros para o trabalho pedagógico dará o devido amparo a essas possibilidades, mostrando a coexistência, numa mesma comunidade, de normas distintas (FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 56).

É papel da escola participar de maneira ativa na vida dos alunos justamente por, muitas vezes, ser o único veículo de acesso a reflexões mais profundas sobre temas recorrentes de seu dia a dia. Assim, é utilizando novos instrumentos de ensino como o uso do banco de dados linguísticos, que será possível fazer com que os estudantes reflitam, compreendam e se posicionem criticamente em relação à língua materna. Conhecendo a história e a variedade da própria língua, poderão um dia perceber que estão inseridos no percurso de mudança linguística e social e que são eles mesmos, também, quem as fazem evoluir. Essa foi uma das razões pela quais priorizamos a coleta de dados em comunidades escolares.

6.3 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS DE TEXTOS ESCRITOS EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS

Para este protocolo, prevê-se as seguintes etapas, detalhadas a seguir: seleção do local de investigação e das turmas/sujeitos da pesquisa; coleta de dados na modalidade escrita; aplicação de questionários sociais aos alunos e professores; avaliação de um texto do gênero relato de experiência pessoal por professores; e análise de materiais pedagógicos.

1ª Etapa – Local a ser investigado: seleção de duas escolas da rede pública de ensino de Florianópolis para fazer a pesquisa de campo: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito e Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)¹. Embora as duas escolas sejam públicas, há algumas diferenças entre esses dois espaços escolares no que se refere à infraestrutura, às condições de trabalho e à formação dos professores, ao investimento em qualificação, aos projetos de pesquisa e extensão, dentre outras.

Vale destacar que o Colégio de Aplicação é uma escola da rede federal de ensino que atende os níveis fundamental e médio. A escola oferece uma boa infraestrutura, além de os alunos terem acesso à infraestrutura da UFSC, como biblioteca, centro de desportos, restaurante universitário etc. Além da boa infraestrutura, os professores têm uma carreira diferenciada das outras esferas públicas de ensino, tendo carga horária para pesquisa e extensão e, por isso, os alunos têm opção de

¹ O projeto passou pela aprovação pelo Comitê de Ética da UFSC, que previa a autorização das escolas para as coletas de dados. O número do processo do projeto no Comitê de Ética é 45695715.0.0000.0121 e o número do parecer com a aprovação do projeto é 1.147.319, com data da relatoria em 13/07/2015.

inserção em muitos projetos, como iniciação científica a partir do nono ano do ensino fundamental, projetos de intercâmbio nacional e internacional, e projetos nas diversas áreas do conhecimento. Diante do ensino público de qualidade oferecido pela escola, somadas às oportunidades oferecidas aos alunos que vão além da sala de aula, a seleção dos alunos, feita por meio de um sorteio público, é extremamente concorrida por famílias de todos os níveis sociais da cidade e municípios próximos. Já a Escola Beatriz de Souza Brito é da rede municipal de ensino e atende apenas o nível fundamental. Apesar de oferecer uma boa infraestrutura aos alunos, a carreira do magistério do município de Florianópolis não é tão promissora quanto a carreira federal. Os professores não têm carga de ensino, nem de extensão, por isso as atividades que vão para além da sala de aula são, em sua maioria, oferecidas por projetos implantados pela UFSC, seja nos estágios curriculares ou pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de diferentes áreas. A seleção se dá por abertura de vagas para alunos da região do entorno da escola, principalmente.

2ª Etapa – Critérios de seleção das turmas/sujeitos da pesquisa: as amostras coletadas são de duas turmas do 6º ano e de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, escolhidas aleatoriamente, em ambas as escolas selecionadas. Amostras de turmas do 7º e 8º anos não foram selecionadas, para que se pudesse fazer um comparativo mais significativo entre os resultados apresentados na coleta de dados de uma turma menos avançada (6º ano) e de uma turma mais avançada (9º ano) do ensino fundamental.

3ª Etapa – Coleta de dados de escrita: aplicação do projeto “Relato de aventuras”: a coleta totaliza vinte textos do gênero relato de experiência pessoal de cada turma selecionada. O encaminhamento da atividade é realizado pelo pesquisador que tem o domínio da metodologia da pesquisa, conjuntamente com o professor da turma que auxilia nas estratégias de envolvimento dos alunos com a atividade. Caso haja mais alunos em sala de aula, todos participarão da proposta, contudo serão selecionados apenas vinte textos, aleatoriamente. A proposta, pensada para quatro horas/aula, é executada em diferentes momentos, descritos a seguir:

1º momento: leitura e discussão de um texto do gênero relato de experiência pessoal. Os alunos fazem leitura silenciosa e, em seguida, o pesquisador conduz a leitura oral e posterior discussão acerca das experiências pessoais retratadas no texto.

2º momento: o pesquisador estimula a turma a relatar, inicialmente de forma oral, suas experiências de vida envolvendo episódios que aconteceram em viagens, passeios, jogos, festas, reuniões familiares, brincadeiras com amigos etc. Juntos,

exploram tipos de situações que, de alguma forma, envolvem emocionalmente os participantes: episódios divertidos, tristes, assustadores, perigosos etc.

3º momento: o pesquisador pede para que cada aluno relembre e conte um episódio de sua vida que envolva sua participação e de outra(s) pessoa(s) como um “relato de aventura” para um colega. O relato deve conter também as conversas entre os participantes do episódio. A intenção é que os alunos rememorem um acontecimento e vivenciem a situação de relatá-lo a um interlocutor.

4º momento: cada aluno escreve a aventura que relatou ao colega. Essa atividade deve ser feita na sala de aula. Neste momento, o pesquisador deve enfatizar que, nessa primeira etapa de escrita, o autor deve ficar atento ao conteúdo do relato, oferecendo o máximo de informações ao leitor, e que a revisão de texto será feita em uma etapa posterior pelo próprio aluno para ser inserida em uma coletânea da sala, intitulada “Relatos de aventuras”.

4ª Etapa – Aplicação de um questionário social aos alunos (ANEXO 1): aos mesmos alunos que realizaram a atividade de produção do relato de experiência pessoal, aplica-se um questionário social com perguntas sobre acesso à cultura e a bens de consumo da família, e a respeito das aulas de língua portuguesa, com o intuito de analisar a possibilidade de o contexto social desses alunos desempenhar alguma influência no fenômeno em variação investigado na escrita.

5ª Etapa – Aplicação de um questionário social aos professores (ANEXO 2): aplica-se um questionário aos professores de língua portuguesa das turmas que farão parte da pesquisa, para verificar sua formação e suas condições de trabalho, assim como sua concepção sobre variação linguística, a fim de subsidiar a análise do impacto que a atuação do professor tem no uso de determinada variante na produção escrita dos alunos das escolas selecionadas.

6ª Etapa – Avaliação pelos professores das turmas que farão parte da pesquisa de um texto do gênero relato de experiência pessoal elaborado pelo pesquisador a partir da amostra de textos escritos produzidos pelos alunos, para que se possa observar a concepção de variação linguística na avaliação da produção escrita dos próprios alunos.

7ª Etapa – Análise do Projeto Político e Pedagógico (PPP) das escolas investigadas e do planejamento de seus professores de língua portuguesa com o intuito de identificar sua concepção de língua, de norma e de ensino de língua, as quais remetem ao trabalho com a variação linguística.

Para garantir o sigilo das informações e privacidade ao sujeito, a pesquisa de campo de coleta de dados da atividade de produção textual e a aplicação de questionários aos professores e alunos devem ser realizadas em locais adequados, evitando, assim, exposição indevida e comprometimento da interpretação dos dados. Deve ser entregue a cada participante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com informações pertinentes à pesquisa, para que todos estejam cientes de seus direitos e deveres, além de manifestarem sua anuência em relação à participação na pesquisa e coleta de dados.

As escolhas metodológicas desse protocolo de coleta de dados de pesquisa sociolinguística procuram levar em conta a constituição de dados relevantes para tratar o fenômeno em variação, assim como a aproximação dos “sujeitos, de suas histórias e práticas declaradas, da apreensão e da compreensão de suas realidades e da realidade sócio-histórica na qual estão imersos” (VÓVIO; SOUZA, 2005 apud SPESSATO, 2011, p. 36).

6.4 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS DE FALA EM COMUNIDADES DE PRÁTICA EM UMA ESCOLA DA REDE PRIVADA DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS

Como indicamos na introdução, neste protocolo de coleta de dados, leva-se em conta a proposta de Eckert (2012). A autora divide as práticas de estudos linguísticos em três ondas: a primeira procura trabalhar com a variação correlacionando as categorias sociais e linguísticas; a segunda onda utiliza métodos etnográficos com o objetivo de explorar processos locais que constituem categorias mais amplas; e a terceira onda enxerga a variação como um sistema complexo de significados sociais que pode ser manipulado pelos falantes para a construção de estilos identitários. Assim, neste protocolo, busca-se amparo nos estudos de terceira onda, que aliam os estudos de primeira aos de segunda onda, propondo uma mudança de foco na investigação: de comunidade de fala para comunidade de prática, entendida como um grupo de pessoas que se reúnem para um objetivo comum, compartilhando crenças e valores linguísticos.

Para trabalhar sob essa perspectiva então, é necessário observar o tipo de relacionamento pessoal existente entre os informantes. Assim, nos propomos a desenvolver um protocolo de coleta de dados de fala em uma comunidade escolar em que mapearemos comunidades de prática existentes com grupos de alunos com interesses diversos, oriundos de famílias de diversas origens sociais, econômicas e culturais.

Na escolha da localidade para a coleta, consideramos a existência de variedades linguísticas que possibilitem ao pesquisador observar, por meio delas, a construção de uma identidade dos indivíduos. Para a montagem desse protocolo de coleta temos, primeiramente, de escolher o lócus para coletas de dados e, em seguida, proceder ao levantamento sócio-histórico da localidade. Em terceiro lugar, é preciso definir a escola e, por último, o grupo de alunos objeto da investigação. Esses passos são desenvolvidos a seguir conforme o protocolo de coleta.

A cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, foi povoada por imigrantes açorianos no século XVIII e recebeu – e ainda recebe – imigrantes de diferentes etnias e de diferentes regiões do Brasil. Nesta localidade existe um bairro situado ao Norte da Ilha chamado Ingleses, localizado a aproximadamente 35 Km do centro da cidade. Segundo o IBGE no Censo de 2010 a população desse bairro possuía em torno de 28.600 mil habitantes, sendo que grande parte dos moradores eram oriundos de outras cidades e estados brasileiros.

Em uma área central do bairro Ingleses, existe uma escola privada com aproximadamente oitocentos alunos. O colégio atende da Educação Infantil ao Ensino Médio, recebendo alunos do bairro e arredores.

Há uma preocupação na escola em relação ao desenvolvimento do hábito da leitura nos alunos, o que consideramos um dado interessante. As leituras são acompanhadas pelos professores regentes da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental; já do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio as leituras são cobradas sob forma de avaliações que valem 50% da nota bimestral e a cada mês são orientadas por um professor de uma determinada disciplina. O projeto visa ao desenvolvimento pedagógico dos alunos e parece contribuir para o baixo índice de reprovação que em 2014 ficou em apenas 3%.

Nesse colégio há 34 turmas: seis são da Educação Infantil no período vespertino; catorze são das séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo cinco no matutino e nove no vespertino, oito são das séries finais do Ensino Fundamental, sendo quatro no matutino e quatro no vespertino; quatro são do Ensino Médio no período matutino; e há mais duas turmas de período integral compostas por alunos da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. Considerando uma pequena amostra dessas turmas, centramos nosso foco em uma turma bem heterogênea de 2º ano do Ensino Médio, que conta com 27 alunos de diferentes etnias, advindos de regiões diferentes do Brasil: além de Florianópolis/SC há informantes de Curitiba/PR, São Borja/RS, Porto Alegre/RS, Novo Hamburgo/RS, Frederico Westphalen/RS, São Paulo/SP, Santos/SP, Goiânia/GO e Vitória da Conquista/BA. Desses, dezoito são meninos e nove

são meninas com idades entre 15 e 17 anos e pertencentes a famílias das classes socioeconômicas A, B1 e B2².

Como proposta inicial do protocolo de coleta de dados, o pesquisador solicita aos informantes que preencham uma ficha social (ANEXO 3) com informações a respeito de suas predileções, dados familiares, e atividades realizadas nas horas de lazer. Após o preenchimento da ficha social, a proposta de coleta de dados, é orientada pelos passos metodológicos que seguem:

1ª Etapa – Organização de um debate: os informantes organizam um debate com um tema selecionado anteriormente pelo professor, de acordo com o interesse da maior parte da turma. Para isso, primeiro organizam as equipes (passo 2), selecionam os temas para o debate (passo 3) e realizam o debate (passo 4).

2ª Etapa – Organização das equipes: os informantes devem formar cinco grupos com no mínimo cinco e no máximo seis integrantes. A determinação é de que cada grupo tenha ao menos um menino e uma menina para que haja controle de sexo/gênero, visto que esta é uma das variáveis que também é controlada nas entrevistas individuais e na análise dos resultados. A formação das equipes possibilita uma observação dos grupos de interesse que se formaram dentro desta comunidade de prática e se essas predileções são semelhantes, com base no que foi respondido por cada um nas fichas sociais.

3ª Etapa – Sugestão de temas: cada grupo sugere dois temas para o debate. Os dez temas devem ser expostos e divulgados a todos e, com isso, determina-se que cada equipe se reúna em conjunto, separado dos demais, para que os temas sejam discutidos e o debate organizado, não havendo a mediação do pesquisador. A interação deve ser gravada e não pode ter menos de uma hora/aula de duração.

4ª Etapa – Sorteio dos temas: com o debate organizado, os dez temas devem ser colocados para sorteio, atividade com duração estimada de duas horas/aula. As discussões são gravadas, mediadas pelo pesquisador, observadas por mais duas pessoas – podendo ser o orientador do pesquisador e mais um pesquisador da área – e seguem padrão de debate político. Então, um tema é sorteado e, após o sorteio por equipe, uma equipe deve escolher para qual equipe quer fazer a pergunta. A equipe que respondeu perguntará para uma das outras e assim sucessivamente, até que a última faça uma pergunta para a equipe que fez a primeira pergunta. O

² Critério Brasil de Classificação Econômica Brasileira definido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Na ficha social (ANEXO 3), são utilizadas questões para categorização das classes socioeconômicas de acordo com a ABEP.

tempo dessa atividade deve ser respeitado: são até dois minutos para realizar a pergunta, até quatro minutos para a resposta, até três minutos para a réplica e até dois minutos para a tréplica.

Além do debate, há, neste protocolo de coleta, uma última etapa. O pesquisador deve realizar entrevistas individuais com dez dos informantes da coleta anterior, dois por grupo, sendo esses assim distribuídos: cinco do sexo/gênero masculino e cinco do sexo/gênero feminino; um representante do Paraná, um do Rio Grande do Sul, um de São Paulo, um de Goiás, um da Bahia e cinco de Santa Catarina.

Todos os informantes recebem e assinam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que contém informações a respeito da pesquisa, conscientizando a todos de seus direitos e deveres e mostrando que concordam em participar da pesquisa. As entrevistas individuais são baseadas em um roteiro de perguntas já adotado por pesquisadores do banco de dados VARSUL/SC (ANEXO 4).

6.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como indicamos inicialmente, nosso intuito em descrever dois protocolos de coleta de dados em escolas da rede de ensino pública e privada do município de Florianópolis foi de fornecer subsídios para que se possa comparar resultados de maneira confiável, como requer uma investigação científica, à medida que os pesquisadores têm acesso aos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

Além disso, também fornecemos os passos metodológicos de coleta de dados para pesquisadores que queiram aplicar ou replicar os protocolos em suas investigações. Dessa forma, esperamos ter contribuído no sentido de futuras pesquisas que queiram aplicar/replicar os protocolos descritos, ou que queiram comparar os resultados de suas pesquisas com as pesquisas de Silvano (2015) e Traesel (2015).

6.6 REFERÊNCIAS

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 41, p. 87-100, 2012.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Curricular de Rede Municipal de Ensino de Florianópolis*. Florianópolis, 2008.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p.156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de

dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 56, p. 917-944, 2012.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos* Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVANO, G. L. P. *A concordância verbal de primeira pessoa do plural em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015 (em andamento).

SPESSATTO, M. B. *Variação linguística e ensino: por uma educação linguística democrática*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

TRAESEL, R. *As formas variáveis do paradigma tu/você na Ilha de Santa Catarina: estudo de uma comunidade de prática escolar nos Ingleses*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015 (em andamento).

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO 1

Questionário social – alunos

Sua participação é muito importante nesta pesquisa. Não se preocupe, suas opiniões e informações serão respeitadas e mantidas em sigilo. A veracidade dos dados em muito contribuirá para meu trabalho.

Nome/pseudônimo: _____

Série: _____

Gênero: () Feminino () Masculino () Outro _____

Idade: _____ Escola: _____

Escolas nas quais você estudou:

a) () públicas. Tempo: _____ b) () particulares. Tempo: _____

Você está há quanto tempo nesta escola? _____

Orientação: Assinale com um “x” a alternativa que melhor se enquadra em seu perfil e responda as questões dissertativas, quando for o caso.

1. Quantas pessoas moram com você? (incluindo irmãos, parentes e amigos)?

a) () Uma a três

b) () Quatro a sete

c) () Oito a dez

d) () Mais de dez

2. A casa onde você mora é:

a) () Própria

b) () Alugada

c) () Cedida

3. Sua casa está localizada em:

a) () Região Central de Florianópolis. Qual bairro?

b) () Sul da ilha. Qual bairro? _____

c) () Norte da ilha. Qual bairro? _____

d) () Outro município. Qual? _____

4. Qual é o nível de escolaridade do seu pai ou responsável por você do sexo masculino?

a) () Ensino Fundamental

b) () Ensino Médio

- c) () Ensino Superior. Curso: _____
- d) () Pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado).
Curso: _____
- e) () Não estudou
- f) () Não sei

5. Qual é a profissão do seu pai ou responsável por você do sexo masculino?

6. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe ou responsável por você do sexo feminino?

- a) () Ensino Fundamental
- b) () Ensino Médio
- c) () Ensino Superior Curso: _____
- d) () Pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado).
Curso: _____
- e) () Não estudou
- f) () Não sei

7. Qual é a profissão da sua mãe ou responsável por você do sexo feminino?

8. Você já reprovou alguma vez?

- a) () Não, nunca
- b) () Sim, uma vez
- c) () Sim, duas vezes

9. Você gosta de estudar nesta escola? Por quê?

- a) () Sim
- b) () Não

Justifique: _____

10. Como é o deslocamento de sua casa até a escola?

- a) () Carro
- b) () Ônibus

c) () Transporte escolar

d) () Outros. _____

11. O que você acha das aulas de língua portuguesa?

12. Suas aulas de língua portuguesa têm mais:

a) () gramática

b) () leitura

c) () compreensão e interpretação de textos

d) () produção textual

e) () outros: _____

13. Você já teve preocupação em falar ou escrever algo considerado erro gramatical e, por isso, deixou de se expressar em sala de aula?

a) () nunca

b) () raramente

c) () frequentemente

d) () diversas vezes

14. Você considera importante estudar língua portuguesa? Por quê?

15. O que você acha que poderia ser diferente nas aulas de língua portuguesa?

16. O que você gosta de fazer em seu tempo livre?

17. Você já sabe qual profissão gostaria de exercer?

a) () Não

b) () Sim. Qual? _____

18. Você acha que precisará de estudo para atuar nessa profissão? Por quê?

19. Numere, em ordem de preferência – a contar do um (1), para o tema do seu maior interesse – os temas a seguir relacionados:

() Seleção para o IFSC

() Esporte

() Música

() Religião

() Violência

() Festa

() Sexualidade

() Namoro

() Família

() Internet

() Cinema

() Moda

() Redes Sociais

() Outros: _____

20. Você tem acesso à Internet com frequência?

a) () Sim

b) () Não

21. Em caso afirmativo, quais os locais de acesso mais frequentes?

a) () Em sua própria casa

b) () Casa de amigos

c) () Lan houses

d) () Escola

e) () Celular

22. Numere, por ordem crescente de importância, dentre as opções a seguir, aquelas que correspondem ao uso que faz da internet:

() E-mail

() MSN

() Twitter

- () Blogs
 - () Facebook
 - () Portais de notícias
 - () Sites de esportes
 - () Sites de jogos
 - () Sites de pesquisa (Google, Wikipedia, etc)
 - () Sites de entretenimento De que tipo? (novelas, celebridades, humor, moda, etc) _____
-

23. Você possui o hábito de ler?

- a) () Sim. O que mais gosta de ler? _____
-

b) () Não

24. Assinale os tipos de materiais de leitura que você possui em casa.

- () Nenhum
- () Gibis
- () Enciclopédias
- () Dicionários
- () Livros De que tipo? _____
- () Revistas De que tipo? _____
- () Outros: _____

ANEXO 2

Questionário social – professores

Nome/pseudônimo: _____

Idade: _____

Sexo: () masculino () feminino

Cidade onde nasceu: _____

Orientações: O preenchimento deste questionário é voluntário. Responda as questões da forma mais sincera possível; em questões abertas, responda no espaço determinado ou no verso da folha.

1. Qual sua formação acadêmica?

() Magistério

Graduação:

() Graduação completa. Ano em que concluiu: _____

() Graduação incompleta

Curso: _____ Instituição: _____

Pós-graduação:

() Especialização

() Mestrado

() Doutorado

2. Quanto tempo você tem de docência?

() superior a 2 anos

() superior a 5 anos

() superior a 10 anos

() outros : _____

3. Quanto tempo você tem de experiência em sala de aula como professor:

() escola particular. Tempo: _____

() escola pública. Tempo: _____

() outros: _____. Tempo: _____

4. Você estudou a disciplina de Sociolinguística durante sua formação acadêmica?

() Sim

() Não

5. Qual a sua carga horária semanal de trabalho?

- 20 horas semanais
- 30 horas semanais
- 40 horas semanais

6. Quanto tempo tem disponível para preparar suas aulas por semana?

- 2 horas
- 3 horas
- 5 horas
- 10 horas
- mais de 10 horas
- não tenho tempo disponível

7. Qual o número de turmas em que você leciona?

- menos de 5 turmas
- 5 turmas
- mais de 5 turmas
- 10 turmas
- mais de 10 turmas

8. Quantos alunos há, em média, por turma?

9. Há a presença de um profissional para o acompanhamento e apoio sistemático da sua prática educativa?

- Sim
- Não

10. Você trabalha em mais de uma escola?

- Sim. Quantas? _____
- Não

11. A escola em que trabalha tem recursos didáticos de qualidade à disposição do professor?

- Sim. Quais? _____
- Não

12. A escola em que trabalha oferece reuniões de estudo?

- Sim
- Não

13. A escola em que trabalha oferece cursos de formação continuada regularmente?

() Sim

() Não

14. Você utiliza algum material de apoio e/ou livro didático que condiciona o planejamento de suas aulas? Em caso afirmativo, quais?

15. Qual abordagem teórica orienta a elaboração e execução de suas aulas?

16. Você acredita que a formação teórica do professor é determinante na sua prática?

17. Como você costuma ensinar leitura e escrita em suas aulas?

18. Como você define gramática?

19. A partir da sua definição, como você costuma ensinar gramática em suas aulas?

20. Quais suas maiores dificuldades ao ensinar gramática de acordo com a sua concepção?

21. Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pelos alunos para aprender gramática da forma como você ensina?

22. Você considera que há variedade linguística nas turmas em que atua? Se sim, como ela se manifesta? Como você a percebe? Se não, quais as razões/motivos para a ausência?

23. Você acha necessário trabalhar com o aluno sobre a existência de mais do que uma variedade linguística?

- a) () Sim
b) () Não
c) () outra resposta: _____

Justifique: _____

24. Quanto ao ensino da língua portuguesa e o tratamento da variação linguística, o que você acha que precisa ser mudado?

- a) () Formação de professores
b) () Livros didáticos
c) () Currículos escolares
d) () Outros: _____

25. Em sua avaliação, existe erro de português? Em caso afirmativo, o que seria considerado um erro para você? Assinale mais de uma alternativa se achar necessário.

- a) () Falta de concordância (verbal/nominal) na fala
- b) () Falta de concordância (verbal/nominal) na escrita
- c) () Ortografia
- d) () Acentuação
- e) Outros: _____
- f) () Não existe erro de português

Justifique: _____

26. Em sua opinião, a variedade empregada pelo aluno na fala influencia, em alguma medida, a sua escrita?

- a) () Sim
 - b) () Não
- _____
-
-

ANEXO 3

Ficha do Informante (aplicada previamente)

Sobre a coleta:

Região: _____

Endereço: _____

1. Nome: _____

2. Idade: _____

3. Gênero: _____

4. Estado Civil: _____

Observações: _____

Escolaridade:

5. Em qual série você está? _____

6. Estuda nessa instituição desde que ano? _____

7. Qual o grau de escolaridade das pessoas que efetivamente moram contigo?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Outros (especificar) _____

Observações: _____

Redes sociais:

8. Qual atividade de lazer realiza nas horas vagas? _____

9. Realiza a atividade sozinho ou com amigos? _____

10. Quantas vezes na semana costuma realizar esta atividade? _____

11. Há algum clube/igreja/associação aqui no bairro que você frequenta? _____

12. Você participa de algum grupo (futebol; esporte; folclore; de jovens; de idosos; na igreja; na comunidade; na escola...)? _____

13. Você é líder nesse grupo? _____

14. Qual o seu envolvimento com esse grupo? _____

15. As pessoas com as quais você se relaciona diretamente em suas atividades são nativas de Florianópolis? Se não, de onde são? _____

16. A maioria da sua família mora em Florianópolis? _____

17. Você costuma participar de reuniões familiares? _____

18. Com que frequência? _____

19. Há alguma festa típica aqui no bairro? _____

20. Tens muitos amigos aqui no bairro? _____

21. Vocês se encontram com frequência? _____ Especifique: _____

Observações: _____

Sócio-econômico-cultural

22. Você viaja com frequência? Se sim, para onde? _____

23. Lê com frequência? _____

(tipo de material) _____

24. Possui casa própria ou alugada? _____

25. Qual a ocupação (e a profissão) das pessoas que moram contigo?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Outros (especificar) _____

ANEXO 4

Algumas questões para a entrevista

1. Você gosta do bairro em que mora? Por quê?
2. O que você costuma fazer no final de semana? Conte algo que tenha acontecido recentemente.
3. A maioria da tua família mora em Florianópolis?
4. Eu queria que você contasse sobre encontros de família. Costumam se encontrar frequentemente? Conte como são alguns desses encontros.
5. Seus amigos moram aqui perto?
6. Há algum clube, centro comunitário, igreja ou parque aqui no bairro? Você costuma ir a algum desses locais?
7. Existe algum tipo de festa típica que vocês façam aqui no bairro? Você frequenta alguma?
8. Em sua opinião o que é “ser mané”?
9. Você acha que o “mané” fala diferente das pessoas de outras cidades ou de outros estados?
 - Se for “manézinho”: o que você percebe de diferença entre a fala do “mané” e os que são de fora?
 - Se não for “manézinho”: o que você percebe de diferença entre a sua fala e a do “mané”?
10. Conte alguma história de que se lembra da época que você era criança.
11. Possui alguma viagem marcante? Comente sobre ela.
12. Como é a convivência com seus amigos da escola? Conte alguma história engraçada que vocês tenham vivido juntos.
13. Quem costuma controlar mais você em casa, pai ou mãe? Diga algo que tenha acontecido recentemente e como foi que ele ou ela agiu.
14. Você namora ou já namorou? Diga algo que lhe marcou nesse convívio entre vocês dois.
15. Como você imagina o seu futuro? Já pensa sobre profissão e como será sua vida adulta?
16. Imagine que você já é pai/mãe: que tipo de conselhos daria para seu filho?

Itens de Conforto	não possui	1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de <i>freezers</i> independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de:	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho